



IF-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Dois mundos em litígio? Poesia e razão na Grécia Arcaica**Por:** José Provetti Junior²⁷

jose.provetti@ifpr.edu.br

Resumo

27 É Mestre em Filosofia Moderna e Contemporânea pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, é Mestre em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte-Fluminense professor Darcy Ribeiro - UENF, é Especialista em História, Arte e Cultura pela Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG, é Especialista em Saúde para alunos e professores dos Ensinos Fundamental e Médio pela Universidade Federal do Paraná - UFPR, é Graduado e Licenciado em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. É servidor público federal, docente EBTT de Filosofia, lotado no campus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná - IFPR, na cidade de Assis Chateaubriand/ PR, em que é Diretor Geral. Atua como docente de Filosofia nos cursos Técnicos Integrados de Informática e Eletromecânica. Atua como docente das disciplinas de Educação Especial e Didática Geral no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. É docente, pesquisador e Coordenador Geral do Grupo de pesquisa Filosofia, Ciência e Tecnologia - IFPR - Assis Chateaubriand. É pesquisador e docente do Núcleo de Estudos da Antiguidade - NEA - UERJ. É pesquisador no Núcleo de Estudos em Formação Docente - IFPR - Goioerê e Pesquisador-estudante do Grupo de estudos sobre Lógica, Epistemologia e Filosofia da Linguagem - UNIOESTE - Toledo. É filiado à Associação Nacional de Pós-graduação em Filosofia - ANPOF, é membro da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos - SBEC, é autor do livro "A alma na Hélade: a origem da subjetividade no Ocidente" (2011), "O dualismo em Platão" (2014), "de artigos em periódicos nacionais, parecerista das revistas "Espaço Acadêmico", "Acta Scientiarum - Ciências Humanas e Sociais" da UEM/ PR, participa da Equipe Editorial da Revista Contemporânea de Educação da UFRJ/ RJ e da Revista IF-Sophia: revista eletrônica de investigações filosófica, científica e tecnológicas" do Grupo de pesquisas Filosofia, Ciência e Tecnologias - IFPR.



IF-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

.DOIS MUNDOS EM LITÍGIO? POESIA E RAZÃO NA GRÉCIA ARCAICA**Por:** José Provetti Junior²⁸

jose.provetti@ifpr.edu.br

Resumo

Nesse artigo se tem a pretensão de ressaltar a questão e procedimentos que foram inerentes ao surgimento do modo discursivo racional, na Hélade Arcaica, entre os séculos VII-VI a. C. e buscar compreender, em que medida há ou não

28. É Mestre em Filosofia Moderna e Contemporânea pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, é Mestre em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte-Fluminense professor Darcy Ribeiro - UENF, é Especialista em História, Arte e Cultura pela Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG, é Especialista em Saúde para alunos e professores dos Ensinos Fundamental e Médio pela Universidade Federal do Paraná - UFPR, é Graduado e Licenciado em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. É servidor público federal, docente EBTB de Filosofia, lotado no campus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná - IFPR, na cidade de Assis Chateaubriand/ PR, em que é Diretor Geral. Atua como docente de Filosofia nos cursos Técnicos Integrados de Informática e Eletromecânica. Atua como docente das disciplinas de Educação Especial e Didática Geral no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. É docente, pesquisador e Coordenador Geral do Grupo de pesquisa Filosofia, Ciência e Tecnologia - IFPR - Assis Chateaubriand. É pesquisador e docente do Núcleo de Estudos da Antiguidade - NEA - UERJ. É pesquisador no Núcleo de Estudos em Formação Docente - IFPR - Goioerê e Pesquisador-estudante do Grupo de estudos sobre Lógica, Epistemologia e Filosofia da Linguagem - UNIOESTE - Toledo. É filiado à Associação Nacional de Pós-graduação em Filosofia - ANPOF, é membro da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos - SBEC, é autor do livro "A alma na Hélade: a origem da subjetividade no Ocidente" (2011), "O dualismo em Platão" (2014), "de artigos em periódicos nacionais, parecerista das revistas "Espaço Acadêmico", "Acta Scientiarum - Ciências Humanas e Sociais" da UEM/ PR, participa da Equipe Editorial da Revista Contemporânea de Educação da UFRJ/ RJ e da Revista IF-Sophia: revista eletrônica de investigações filosófica, científica e tecnológicas" do Grupo de pesquisas Filosofia, Ciência e Tecnologias - IFPR.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

uma verdadeira ruptura entre os modos discursivos mito-poético e racional. Tal abordagem se mostra necessária para se tematizar e tentar compreender o processo de surgimento da Filosofia e o que estava em jogo quanto a sua paulatina adoção na cultura grega Arcaica, em especial se processará os argumentos aqui aventados, sob a ótica da História Psicológica, das Ideias e das Mentalidades, tentando resgatar o problema ao qual se dirigia Hesíodo de Ascra, poeta, em sua obra "A teogonia" (1995) e dois representantes da Escola de Mileto, a saber: Tales e Anaximandro. Com isso se pretende que mais do que uma ruptura, o que se dá é uma continuidade nas tratativas dos problemas que estavam em foco na aurora do pensamento racional, como a outra face do pensamento mítico. Ou seria o contrário?

Plalavras-chave: Filosofia; Filosofia Antiga; Poesia Arcaica; Hesíodo de Ascra; Tales e Anaximandro de Mileto.

Resumo

En ĉi tiu artikolo mi pretendas reliefigi la temon kaj proceduroj kiuj estis propraj al la apero de racia parolada reĝimo en Greco Arkaika inter la VII-VI jarcentoj A. C. kaj serĉas kompreni ĝis kio punkto aŭ ne ekzistas reala paŭzo inter la mita-poezio kaj racia parolada modaloj. Tia aliro aperas necesaj alparolante kaj klopodante kompreni la apero de procezo filozofia kaj kio estis en ludo kiel ilia laŭpaŝa adopto en greka Arkaika kulturo, speciale se vi procesi la argumentoj tie sugestis pri, de la perspektivo de Psikologia Historio de Ideoj kaj Pensmanieroj, klopodante savi la problemoj kiu tuj Hesíodo la Ascra, poeto, en lia libro "la Teogonia" (1995) kaj du reprezentantoj de Mileto Lernejo, nomitaj: Tales kaj Anaksimandro. Tiel ni deziras pli ol rompiĝanta, kio okazas estas kontinueco en la intertraktadoj de la problemoj estis en fokuso ĉe la tagiĝo de racia penso, kiel la alia multekosta de mita pensado. Aŭ ĉu estas kontraŭe?

Ŝlosilvortoj : Filozofio; Antikva Filozofio; Arkaika poezio; Hesíodo la Ascra; Rakontoj kaj Anaksimandro el

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

*Mileto.***Abstract**

In this article we intend to emphasize the question and procedures that were inherent to the emergence of the rational discursive mode, in the Archaic Hellas, between the VII-VI b. C. and seek to understand, to what extent there is a true rupture between the discursive modes myth-poetic and rational. Such an approach is necessary to thematize and try to understand the process of the emergence of Philosophy and what was at stake in its gradual adoption in the Archaic Greek culture, especially the arguments presented here, from the point of view of the Psychological History, of the Ideas and Mentalities, trying to rescue the problem addressed by Hesiod of Ascra, poet, in his work "The Theogony" (1995) and two representatives of the School of Miletus, namely: Tales and Anaximander. It is intended that more than a rupture, it is a continuation in the negotiations of the problems that were in focus at the dawn of rational thought, like the other face of the mythical thought. Or was it the other way around?

Keywords: *Philosophy; Ancient Philosophy; Archaic Poetry; Hesiod of Ascra; Tales and Anaximander of Miletus.*

Do tema:

"Dois mundos em litígio? Poesia e razão na Grécia Arcaica" é a temática desse artigo, escolhida propositalmente para vir a se discutir a questão da origem do pensamento filosófico, suas bases, direcionamentos e enfoque.

Se pretende, nessa medida, tentar se evitar, no máximo possível, qualquer anacronia que desfigure o tema tanto quanto o problema e será nessa medida, em que se apresentará, metodologicamente falando, passo a passo cada ponto desse texto-



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

argumento, tentando, por assim dizer, iniciá-lo preconceituosamente.

Nesse sentido, se utilizou aqui, o decurso de aproximadamente vinte e hum anos de estudos sobre sociedade, cultura, religião, política e economia da Hélade, desde o período Minóico até o Clássico, buscando compreender como um homem grego Arcaico poderia vivenciar suas questões e problemas, se inserindo, na medida do possível, em seu foco de visada cultural para tentar resgatar o núcleo da transição ou ruptura entre o pensamento mitopoético e o racional, criador, a posteriori, da Ciência e da Tecnologia que caracterizam o Ocidente.

Do problema:

Quando nos remetemos às origens do pensamento racional, normalmente nos deparamos com três formas possíveis de abordagem, a saber:

a) Aquela que o ignora como sendo não importante para se compreender a razão, a Ciência e a Tecnologia, mas que a encara como um fato histórico dado e inquestionável intrinsecamente e, portanto, algo que deve ser objeto de investigação a posteriori dos autores denominados como "clássico", principalmente a partir de Platão de Atenas, mesmo se remetendo a Sócrates;

b) Aquela em que se reconhece certa relevância quanto à questão da origem da razão, mas que redonda em insignificante sua investigação, na medida em que não faz menção a uma vivência histórica do Brasil, enquanto país que remonta a sua história ao período Moderno. Portanto, embora significativo, a racionalidade Antiga e Medieval nada tem a contribuir para os estudos de



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Filosofia, embora não possam desprezar ícones como Sócrates, Platão, Aristóteles, Agostinho e Tomás de Aquino;

c) Outros há, contudo, que de maneira contrária às duas posições anteriores, passam o centro de gravidade das discussões Moderna e Contemporânea para a Antiguidade e o Medievo, partindo da premissa de que nos pensadores dessas épocas, se encontram o núcleo duro das principais questões contemporâneas de Filosofia, Ciência e Tecnologia. É nessa perspectiva, que compreender as origens da razão Ocidental se mostra como um estudo estratégico para desenvolvimentos posteriores, em todos os campos do saber humano.

Em relação ao comportamento dos grupos "a" e "b", se verifica, no Brasil contemporâneo a grande tendência da maioria das Instituições de Ensino Superior, públicas e privadas, a desprestigiarem os estudos relativos a sociedade, cultura e economia helênicas, e, sobretudo, pré-helênicas (Minóica, Micênica e da Idade das Trevas grega), como sendo insignificantes para a compreensão da Filosofia.

Exceção feita a algumas instituições superiores, que total ou parcialmente dão ênfase e nos últimos quinze anos se esmeram na formação de pesquisadores e docentes direcionados para a Antiguidade, em especial, tais como a Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ, a Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UNIRIO, a Universidade Federal Fluminense - UFF, a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e de São Paulo - PUC- RJ e SP, o Instituto Federal Fluminense - IFF - Campos dos Goytacazes, a Universidade Estadual de São Paulo - USP, a Universidade Estadual de



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Campinas – UNICAMP, a Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, a Universidade Federal do Ceará – UFC, a Universidade Federal do Pará – UFP, o Instituto Federal do Paraná – IFPR – Assis Chateaubriand e pontualmente a Universidade Estadual de Maringá – UEM, a Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, a Universidade Federal do Rio Grande só Sul – UFRGS e a Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ.

Nas demais instituições, o que se observa é a oferta de disciplinas obrigatórias de História da Filosofia Antiga I e II e quando muito, opcionais de III e IV, embora na maioria das instituições, quando muito, se dá um semestre a um ano de estudos sobre os chamados “pré-socráticos”, normalmente se apelando raramente para os textos e/ ou fragmentos subsistentes dos ditos pré-socráticos, e mais raro ainda, ministradas essas disciplinas por docentes especializados ou dedicados aos estudos sobre a Grécia Antiga.

O que mais se enfoca, com base na crença de que o Brasil é um país moderno e, portanto, não necessita remontar a Antiguidade ou Medieval, se detém nas Filosofias Moderna e Contemporânea.

Portanto, não é de se assustar que a maioria dos concursos para docentes universitários e da Rede Federal tenham suas temáticas majoritariamente direcionadas a Modernidade e a Contemporaneidade.

Que os livros didáticos utilizados para o Ensino Médio e para a Educação Básica sejam pouco profundos nos estudos do pensamento Antigo e Medieval, exceção feita a Platão e Aristóteles de maneira notória.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

E, por conseguinte, os docentes formados por essas instituições pouco se atenam às discussões relativas a períodos que não sejam o Moderno e o Contemporâneo, repassando isso a seus estudantes, em todos os níveis e modalidades de ensino em que a Filosofia direta ou indiretamente se faça presente.

Deixarei a apresentação do comportamento do denominado grupo "c" para posterior análise, me detendo, especificamente, no agir dos grupos "a" e "b" e nos efeitos de sua abordagem junto ao problema que nos propomos trabalhar nesse artigo, isto é, **"Dois mundos em litígio? Poesia e razão na Grécia Arcaica"**.

O Grupo "a" se trata dos(as) professores(as) e instituições em que atual, que de maneira geral se abstém de adentrar qualquer abordagem que remeta ao Período Arcaico helênico, o supondo desnecessário de maneira absoluta à aprendizagem da Filosofia e que apostam numa abordagem relativamente literária do texto filosófico.

Nesse medida, os docentes/ instituições que adotam essa postura mencionam a existência de um pensamento filosófico ou racionalista anterior a Sócrates de Atenas, mas não se aventuram, de maneira alguma, a apresentá-lo, contextualizá-lo, abordá-lo ou discuti-lo, se alegando que: 1. O Brasil é um país da Idade Moderna e não travou conhecimento com a Antiguidade e, quando muito, com a chamada "baixa Idade Média". Portanto, as questões relativas a períodos históricos anteriores ao Moderno não seriam próprios às questões brasileiras; 2. Além disso, em sua abordagem literária, não se pode dizer que os textos



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

pré-socráticos são literalmente “textos”, mas fragmentos. Nesse particular, toda a questão da autoria desses fragmentos e de sua versão ao Português trataria entraves teóricos e metodológicos de tal monta que se tornaria não palatável o ensino da Filosofia do período Arcaico.

Ora, uma vez que tratam o texto filosófico como texto literário, naturalmente sobre um amontoado de fragmentos textuais sem conexão direta com a nossa época e cultura de forte presença greco-romana, porém eivada de padrões culturais judaico-cristã-muçulmana se torna extremamente penoso o trabalho do investigador.

Se faz necessário todo um levantamento historiográfico, antropológico, religioso que não é simples. Por outro lado, contudo, a partir do pensamento socrático platonizado e cristianizado, se pode facilmente, sem grandes ônus ao professor, se saltar das expressões atenienses de Sócrates e Platão para problemas de nossa época, sobretudo, envolvendo ética, moral, ontologia. A física e sobretudo a metafísica, se pode passar por cima sem grandes perturbações, tendo em vista “a atualidade de Platão”, afirmam.

Daqui em diante, se adentra a interpretações modernas e contemporâneas e se introduzem os problemas filosóficos próprios daquelas épocas e quando se percebe, pouco se nota a respeito de Sócrates, de Platão e qualquer outro filósofo antigo.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Se observe, também, que os que adotam tal abordagem sobre Filosofia Antiga ou Medieval, normalmente tiveram uma péssima formação nessas áreas, se tiveram alguma e, normalmente, reproduzem automaticamente as máximas de seus mestres/ instituições de formação.

Normalmente os livros didáticos escritos por pensadores desse grupo se detém em apresentar os pensadores antigos e medievais como uma espécie de ícones do campo, falando seus nomes, épocas em que viveram e em seguida apresentando a síntese de suas realizações para o campo. No entanto, nada mais fazem além disso, passando, tão logo, a filósofos modernos e contemporâneos e nada mais mencionando sobre os antigos e medievais.

Os representantes do grupo “b” certamente reconhecem o valor do pensamento Arcaico para a Filosofia, sobretudo no que se refere à razão enquanto linguagem da Ciência e da Tecnologia, embora alguns tenham embarcado no Positivismo Lógico, que pretende depurar a linguagem científica da linguagem racional de cunho não matemático e segundo eles, metafísico.

No entanto, indo pelo mesmo direcionamento dos partícipes do grupo “a” quanto ao Brasil ser um país da Idade Moderna, em certa medida, avançam mais do que os representantes do primeiro grupo, pois além de referenciar os pensadores originais, os leem numa perspectiva normalmente anacrônica, mas não literária, isto é,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

realmente acessam os textos arcaicos enquanto textos filosóficos, mas sempre sob a égide de um pensador de outra época, enquanto comentador.

Normalmente, esses autores são do período Contemporâneos, como por exempli Hegel, Nietzsche ou Heidegger, que de certa forma gozam nos meios filosóficos nacionais, de certo prestígio e autoridade enquanto intérpretes do pensamento filosófico Arcaico. No entanto, a despeito da sistematicidade hegeliana, da sensibilidade nietzschiana ou da acuidade conceitual interpretativa de Heidegger, o que se observa nos textos dessas pensadores é uma certa apropriação anacrônica do pensamento pré-socrático, como se estes fossem homens contemporâneos aos três filósofos indicados e que curiosamente trouxessem nos raríssimos fragmentos sobreviventes ao tempo as matrizes das teses filosóficas de Hegel, Nietzsche ou Heidegger!

Dessa maneira, esse é o traço de união entre os participantes dos dois primeiros grupos, isto é, em síntese, pouco ou nada falam sobre o pensamento racionalista revisionista crítico dos pré-socráticos ou quando muito, os mencionam através dos olhos de segundos ou terceiros, Modernos ou Contemporâneos filósofos.

Quanto ao grupo "c", se caracteriza, em linhas gerais, de maneira oposta aos dois primeiros grupos, isto é, reconhecem nas filosofias Arcaica, Antiga e Medieval, um



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

repositório essencial à compreensão e estudos sobre a Modernidade e a Contemporaneidade em nosso país, e desenvolvem pesquisas, extensões, projetos de intervenção, inovação e refletem seu tempo a luz dos pensadores daquelas épocas.

De maneira geral, são quase solitários, na medida em que rareiam no processo de formação de docentes/pesquisadores, tanto nas graduações como nas especializações, *lato* e *stricto sensu*.

No entanto, na medida em que tem coragem para se proceder ao enfrentamento político nos departamentos em que estão inseridos, nos colegiados de cursos muitas vezes em nada afeitos às suas áreas de formação e se por milagre, vem a encontrar docentes e/ ou discentes tão interessados em Antiguidade e Medieval quanto ele, então, normalmente, se propõem grupos de estudos, grupos de pesquisa e nas melhores hipóteses, Linhas de Pesquisa e Programas de Especializações, se conquistando, assim, um espaço acadêmico mais ou menos significativo e incentivando as Filosofias Antiga e Medieval em solo brasileiro em alguma medida.

Esse grupo, todavia, não é homogêneo. Se apresenta, normalmente, em duas ramificações, podendo, ainda, se subdividir em três, em ordem decrescente de representantes no país, a saber: a) Tradicionalistas schleiermarchianos; b)



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Tradicionalistas historiografistas e c) Inovadores Tubingen-milaneses.

Os tradicionalistas schleiemarchianos são os filósofos que acessam o repertório de filósofos Antigos e Arcaicos na perspectiva interpretativa de Platão realizada pelo Teólogo e Filósofo alemão Friedrich Schleiermacher, um importante tradutor das obras de Platão no século XIX d. C. que estabelece a leitura do filósofo ateniense a partir da organicidade dos diálogos platônicos estruturados em tetralogias temáticas, nos moldes atenienses clássicos de composição de tragédias.

Nessa perspectiva, Platão se torna a referência de acesso entre o nosso atual mundo judaico-cristão-mulçumano e a Antiguidade Clássica, nos remetendo, portanto, a uma perspectiva de acessibilidade em que Platão se mostra como que o criador da Metafísica e dos principais problemas filosóficos posteriores, na medida em que se apresenta como um sintetizador de todo o pensamento pré-socrático, tanto quanto um dos repositórios mais fieis e bem preservados da vivência filosófica de Sócrates de Atenas.

Sendo assim, é sobre o olhar de Platão, para frente e/ ou para trás de si que os tradicionalistas schleiemarchianos estabelecem sua observação e régua de medida sobre as teses Antigas, sejam Arcaicas ou Clássicas.

É importante ressaltar aqui que não se pretende acusar os seguidores de tal abordagem de ignorantes,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

insensíveis a outras versões do mesmo objeto de estudo ou de iludidos em qualquer medida. Apenas se assinala a característica da abordagem que fazem das teses filosóficas Arcaicas e Clássicas.

O que se deseja ressaltar é que na perspectiva schleiermachiana, os pesquisadores/ docentes são instintivamente levados a compreender os pensadores dos períodos Arcaico e Clássico, mesmo com ressalvas às influências judaico-cristã-muçulmana, como homens dos períodos Moderno e Contemporâneo, dado a interface que a abordagem de Schleielacher possibilita dos diálogos platônicos, a partir de uma perspectiva orgânica e única do que o filósofo ateniense pretendia dizer, isto é, sua teses filosóficas enquanto tratando o mundo humano sob a ótica do socratismo e, por conseguinte, adentrando um mundo então desconhecido no período pré-socrático.

Normalmente, afeitos às metodologias investigativas exclusivas do campo da Filosofia, que sói se estabelecer na análise do texto filosófico, apresentam a tendência de ver o passado sob a ótica do presente recentíssimo ou recente, isto é, de hoje a até, na melhor das hipóteses, o século XVIII d. C.

Quanto ao subgrupo que denomino de "tradicionalistas historiografistas", são aqueles pensadores contemporâneos que mais ou menos afeitos à formação histórica, se até às



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

escolas historiográficas para se tentar abordar os textos Arcaicos e Clássicos da Filosofia.

O problema dos representantes desse grupo é a diversidade historiográfica de métodos e focos de interesse, decorrentes da Ciência Historiográfica que raramente suas escolas dialogam entre si e tomados normalmente de um espírito de pureza escolar, perdem a oportunidade de cruzarem as informações que os diversos métodos historiográficos possibilitam e, dessa maneira, se encastelam em perspectivas por vezes carentes de fundamentação sociológica, antropológica e filosófica para possibilitar ao estudioso uma observação mais próxima de uma contextualização vivenciada pelos autores da época.

Portanto, embora seja um grupo mais interessante do que os anteriormente descritos, se observam lacunas em suas tentativas de explicação e o pano de fundo, por vezes, não se encaixa com o texto, causando lacunas de pano de fundo que podem comprometer o entendimento das questões de base implícitas à época.

Já o grupo que denomino de "Inovadores tubingen-milaneses", em certa medida, se mostram o oposto de tudo o que se refletiu até agora.

Obviamente sem desprezar os estudos de todas as tendências, se observou no ano de 2004, durante a realização de meu primeiro Mestrado em Cognição e Linguagem, na UENF, por meio da obra de Giovane Reale



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

(2002), “Para uma nova interpretação de Platão”, que a denominada Escola de Tubingen-Milão, partindo da crença na discussão sobre a existência ou não de doutrinas não escritas de Platão, que complementariam e subverteriam toda a historiografia da Filosofia, por estabelecer o pensamento de Platão como de caráter sinótico entre os denominados “mundo das Ideias” e o “mundo sensorial”, objeto de crítica aristotélica a seu mestre e que teria provocado a criação das duas principais correntes filosóficas do campo a saber: a idealista/ espiritualista/ deducionista e a empirista/ materialista/ inducionista.

Para proceder à reconstituição dessas possíveis teses de Platão, registradas na tradição oral, Kramer e Slazak tiveram que implementar metodologias investigativas relacionadas à historiografia contemporânea a que eu próprio também venho estudando e desenvolvendo desde 1995, na UERJ e nela venho experimentando a interpretação de textos antigos até o presente, com minhas monografias, dissertações, livros e aulas regulares e de extensão, atualmente apenas no IFPR da cidade de Assis Chateaubriand.

Tal metodologia parte da ideia de que os homens são frutos de sua época e cultura e do princípio sociológico weberiano de que cabe ao investigador tentar se aproximar de seu objeto de estudo com o menor grau de anacronismo possível, lhe estudante a história, cultura, língua,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

economia, sociedade, religião(ões) e demais manifestações linguísticas para lhe atingir a compreensão de seu *zeitgeist*, que em Psicologia faz menção ao “espírito de uma época”.

Para atingir tal instrumento de investigação e a perícia necessária a tal fim, apenas a História das Mentalidades, das Ideias ou ainda, História Psicológica torna visível e detectável as distinções de uma época de um povo de determinada cultura, na medida em que se estabelece a sequência de continuidades e rupturas deles em relação à atualidade.

Isso só se torna possível na medida em que se pratica, em adição a todo o exposto, a denominada “comparatividade” apregoada pela metodologia historiográfica da História Comparada.

É nessa perspectiva que os denominados “Inovadores tubingen-milaneses” lançam e internacionalizam historiograficamente o regate de uma interpretação de Platão que subverte todas as perspectivas interpretativas levadas a efeito nos últimos 2.384 anos! Indicando que ao invés de Platão ter fissurado o mundo com a sua denominada “Teoria das Ideias”, ele o estruturou metafisicamente, abeirando-se dos limiares da consciência de que no homem haveria uma subjetividade que teria um papel fundamental na ordem *kósmica*, enquanto ordenadora linguística da Verdade sobre a realidade e que esta, em última análise não seria



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

apenas um jogo linguístico maquinado pelo veio parmenídeo-heraclitiano de Platão numa "ontologia", mas se trataria de lances interpretativos do filósofo sobre a sua *phýsis*, na construção de uma teoria explicativa do *kósmos*.

Em outras palavras, tanto as teses da Escola de Tubingen-Milão, quanto as nossas, demonstram que a contextualização historiográfica do pensamento Arcaico une-o ao pensamento Clássico organicamente e estabelece um fio condutor que dá um sentido de continuidade indelével ao pensamento filosófico contemporâneo, unindo-o radicalmente não apenas como uma "metafísica", mas como a matriz racionalista revisionista crítica, em especial, quanto aos atuais problemas epistemológicos em Física, Química e Cosmologia.

É nessa perspectiva, portanto, que esse artigo será composto e apresentado ao leitor amigo, problematizando o suposto litígio entre poesia e física Arcaica, no processo de emergência do modo discursivo racional, em meados dos séculos VII-VI a. C., na Hélade Arcaica.

A questão da origem da Filosofia

Diante de todo o exposto, é tradicional se verificar em livros didáticos para Ensino Médio, no Brasil, e nos cursos superiores de formação do baixareis ou licenciados em Filosofia normalmente se adota uma das duas seguintes possibilidades de origem do pensamento racional, a saber: a) a origem Oriental; b) o denominado "milagre grego".



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Na primeira opção, hoje minoritária, o modo discursivo racional seria influência direta do pensamento médio-oriental, proveniente do Crescente Fértil e/ ou da África, por meio do pensamento Egípcio.

Nessa abordagem, a razão helênica foi uma resultante das sabedorias mais ou menos combinadas dos diversos povos que circulavam pelo Oriente Próximo, ao longo do século VII-VI a. C., na Jônia e que teria influenciado o espírito de Tales e de seus discípulos, na *polis* de Mileto, a ponto de criarem a razão.

De acordo com a segunda opção, isto é, a do “milagre grego”, Tales e sua Escola teriam sido tomados de uma subta e abrupta vontade de recusarem o modo discursivo mito-poético, em verso cantado e dançado tradicionalmente pelos rapsodos e abandonaram completamente a religião e religiosidades helênicas típicas de sua época, se utilizando, de hora em diante, da razão, em prosa e por escrito e devido a isso, eles romperam com o mito e criaram a Ciência Ocidental.

Francamente, com todo o respeito a todos os que creem em qualquer uma das opções anteriormente descritas, sobretudo aos doutos colegas autores de livros didáticos e introdutórios a Filosofia, em qualquer das vertentes “a” e/ ou “b” e suas variantes apresentadas no início desse texto. Ambas as teorias explicativas são frágeis, insuficientes, inorgânicas e incapazes de se aproximarem de qualquer



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

instância de fidelidade historiográfica possível àquela época!

Perceba o leitor que qualquer das duas posições se excluem mutuamente e tem implicações diversas.

A primeira exclui o gênio criativo e inventivo de Tales, considerado um dos Sete Sábios da Grécia, de maneira que o pensamento racional se trataria de uma mera adaptação da sabedoria Oriental, de qualquer origem, que circulasse no Oriente Próximo no século VII a. C., limitando os trabalhos dos primeiros pensadores racionalistas a uma espécie de “aperfeiçoamento tecnológico” do que já havia anteriormente, e por conseguinte, vinculando a Filosofia, a Ciência e a Tecnologia a uma filiação que não se deu enquanto desdobramento senão apenas na Hélade, seja em que ponto for em que a cultura grega se instalou no Mediterrâneo, mas que não avançou nos demais povos do planeta.

O que leva e reforça à crítica acadêmica contemporânea de que inexistente “Filosofia Oriental”, o quê particularmente também critica a posição extrema.

Na segunda opção, isto é, a do “milagre grego”, o que se observa é que a partir dos séculos VII-VI a. C. um trio de milésios liderados por Tales, em sua residência privada rompe com o modo discursivo mítico e de um repente começa a usar e escrever em modo discursivo racional, rompe com a visão religiosa de mundo dos gregos e desenvolve uma série



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

de teorias explicativas sobre o *kósmos* e a *phýsis* que serão os inícios do pensamento científico que gerará no futuro a tecnologia e nosso mundo atual.

Ora, na medida em que é uma criação tipicamente helênica e que não se tem registro de qualquer outro povo realizá-la antes dos gregos, a tese do “milagre grego” se reforça, na medida em que de fato, tal qual os Hebreus em relação à crença de Jeová enquanto Deus único num mar politeísta, os helênicos seriam o equivalente aos Hebreus quanto à razão.

No entanto, a questão que não quer calar quando se defende a tese do “milagre” é: 1. De onde surge a motivação para que Tales se inicie no modo discursivo racional? 2. Como consegue motivar a Anaximandro e a Anaxímenes de Mileto? 3. Sobre que bases culturais a razão se erige enquanto modo discursivo? 4. A razão é autóctone ou é derivada de outro modo discursivo? 5. Se era uma atividade privada do *genos* de Tales, o que justificaria a adesão de Anaximandro, seu genro, o que fez Anaxímenes, concidadão dos dois anteriores, a se juntar ao grupo? 6. Se a escrita estava em pleno processo de reintrodução na Hêlade, por que motivos o trio milésio teria a adotado como mídia de registro e porque em prosa e não em verso, como era habitual na época? 7. Se eram apenas os três pensadores, os iniciadores da razão, se esta era uma atividade privada, registrada por escrito, que não era uma



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

habilidade habitual nessa época, e se Mileto, pouco tempo após a morte de Tales é escravizada e, posteriormente destruída pelos Persas; como foi possível a razão se espalhar pela Hélade em menos de cem anos? 8. O pensamento racionalista se manifestou apenas no modo conhecido posteriormente como "Filosofia", criação de Pitágoras de Samos no século VI a. C., ou se dera de maneira simultânea em outros modos de manifestação? 9. Como seria a vida cotidiana de Tales, Anaximandro e Anaxímenes, na *polis* de Mileto, enquanto cidadãos que eram, sendo tão radicalmente opostos às tradições culturais e míticas sem as quais um grego não poderia se identificar como helênico, uma vez que Homero e Hesíodo, além de muitos outros poetas eram a maneira normal de se tornar um *polités*, isto é, um "cidadão", por meio da *paidéia* grega?

Se o leitor considerar calma e seriamente cada uma das questões acima elencadas, verificará que fazem menção a problemas práticos sobre a origem e desenvolvimento da Filosofia e que implicam, necessariamente, uma abordagem historiográfica como a que adotamos e se justifica, os motivos pelos quais as demais maneiras de se abordar o pensamento Arcaico, Clássico e Medieval são feitas da maneira que são realizadas; isto é, de modo superficial e de relance.

Primeiro, porque exigiria um mínimo de conhecimento substancial sobre História, Economia, Sociedade e Política

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

das épocas e povos em questão. Segundo, porque implicaria a habilidade de se trabalhar com os caracteres linguísticos e culturais, religiosos e antropológicos, senão etnográficos para se atingir a compreensão necessária dos problemas e questões inerentes às teorias daquelas épocas.

Dessa maneira, é muito mais fácil e pouco incômodo, passar por cima, passar por cima fazendo menção ou simplesmente desqualificar como “infantil” cientificamente falando, em especial, o pensamento filosófico Arcaico, em vez de se aproximar dele de maneira técnica e responsável e lhe explorar as entranhas metodicamente falando.

É por essas motivações que a razão tem que ser algo radical e distinto do mito e que os primeiros filósofos não poderiam ser homens de seu tempo e viverem em conformidade com seus povos e crenças tradicionais, sendo, portanto, simplesmente alienígenas a seu tempo, sociedade, história e cultura. O quê um mínimo de estudo sobre a biografia de todos eles, com raríssimas exceções como a de Anaxímenes de Mileto, cujas referências subsistentes são ínfimas, todos estão imersos na totalidade de seu povo e cultura.

Perceba ainda o leitor, que senão nada, quase nada me ative ao tradicional “argumento da autoridade”, isto é, às citações de referências do campo, seja em defesa ou no ataque às teses aqui expostas. Simplesmente me atenho a mencioná-las e a discuti-las racionalmente falando.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

As questões acima levantadas, em número de nove, as considero como uma espécie de “mapa do tesouro” para aqueles que querem realmente compreender as origens da tecnologia, da Ciência e da Filosofia. Não me deterei em respondê-las, pois creio que uma abordagem prática sob a ótica da História das Mentalidades e Psicológica é mais eficiente do que uma demonstração além do que já se dera.

Para instruir os inícios do término desse artigo, enquanto demonstração mínima do exposto, tratarei apenas refletir sobre uma incômoda, inoportuna e marginal sinonímia entre as palavras gregas *mythos* e *logos*, retomando um estudo realizado por mim na obra “As origens gregas do pensamento popperiano: visão cosmológica da conexão entre Metafísica e Ciência da Antiguidade para a prática epistemológica contemporânea” (2016, p. 66-69 e 75-76):

Vale lembrar que oriundos de uma cultura oral, recém reinserida nas práticas e questões inerentes à escrita, conforme se vê em Havelock (1996, p. 187-219 e 233-327), os gregos tinham na palavra-eficiente cantada e dançada, na memória sacralizada (culto de *Mnemosýne* e das Musas) e nos efeitos visuais projetados pela audição no intelecto sua base e critério de verdade possíveis aos humanos, isto é, um conhecimento que era encarado como verossimilhante e não uma Verdade em si.

Nessa citação, se verifica, perfeitamente, a distinção entre uma interpretação que passa superficialmente ou não sobre a questão relativa à cultura



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

e sociedade helênica Arcaica e Clássica em relação a um estudo de contextualização mais próprio, direcionado claramente a uma tentativa de compreensão dos valores implícitos no seu objeto de investigação.

Ora, para muitos filósofos e estudantes do campo, a estrutura cognitiva e cultural contemporânea é a mesma do que a da Antiguidade grega. De onde ser perfeitamente possível se ler um texto da época, mesmo que eivado de conceitos e seus usos diferenciados dos atuais, como um texto literário informativo! É o cúmulo, tal abordagem!

É um verdadeiro acinte à historiografia e, sobretudo, ao processo formativo de estudantes e docentes, que são impedidos de se apropriarem, de maneira adequada, de que os homens do passado, mesmo sendo as matrizes de nossa cultura e compreensão atuais, são significativamente distintos de nós quanto à sua estrutura cognitiva quanto ao critério do que era dado como veraz ou falso.

Continuando na mesma citação enquanto exemplo, conforme Provetti Jr. (2016, p. 66-69 e 75-76):

Além disso, visto enquanto *Eu* aberto na e pela *phýsis*, a visão cosmológica do mundo, de sua participação enquanto sujeito que vem a conhecer-se somente através do olho do outro e do que este diz sobre ele, como se vê em Segal (1995, p. 211-246), gerava a firme convicção de que sobre tudo isso nada se sabe com certeza, a não ser que se conjectura sobre a verdade, pois *Alétheia* (a Verdade) é apenas acessível aos deuses e as *Mousai* (Musas), as divindades que podem ou não falar a verdade a respeito de

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

todas as coisas, como se vê em Detienne (1998, p. 48-84 e 1988, p. 13-14; 15-23; 33-138) e em Provetti Jr. (2011, p. 12; 21; 24; 25; 28 e 29).

Logo, o pôr questões como as que Popper (2002a, p. 7-33) indicou na citação acima, sobre “como sei” eram inimagináveis à época e, portanto, não cabíveis a uma filosofia e ciência que pretendam se aproximar da verdade sobre o mundo, sobre a humanidade e sobre a possibilidade de como se sabe algo sobre essas coisas, de maneira ampla e irrestrita.

Isso se justifica devido a ser impossível aos helênicos daquela época se observarem enquanto “sujeito do conhecimento” totalmente cômicos da atuação de leitura linguística que sua subjetividade faria diante de um “objeto de conhecimento”.

Tal comportamento só pode ser viável, na medida em que além de ter consciência da ação decodificadora e linguística de sua subjetividade, da interioridade ou do *Eu*, este percebe-se enquanto distinto da natureza e, em tal condição, capaz de vê-la enquanto “um outro” diferente de si.

Por outro lado percebe-se que a instauração do método indutivo, enquanto procedimento essencial à prática científica e filosófica contemporânea, método de demonstração da *episteme*, compreendida como “conhecimento verdadeiro e demonstrável” e, portanto, possibilitador de questões semelhantes às assinaladas por Popper, infere a possibilidade de “coisificação” da natureza e de si, enquanto simultaneamente sujeito-objeto do conhecimento, além de uma nova modalidade de compreensão da razão.

Ora, como assim? Então, o Sr. afirma que o homem grego Arcaico e Clássico se desconhecia enquanto “sujeito



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

do conhecimento”, embora, em especial no período Clássico, já se observe, em certa medida, uma intuição da existência de uma subjetividade ativa linguisticamente estruturante-estruturada por meio das referências culturais próprias ao idioma helênico?

É caro leitor! Sem essa informação, os texto antigos se parecem relativamente “infantis”, em alguns aspectos. Principalmente, no tocante ao mito, que se utiliza de uma linguagem específica que se detém no fato epistemológico do total ou quase total desconhecimento de que o autor desconhece a si próprio enquanto *Eu*, em sua interioridade, mas que ele possui o que os helenista denominam de “*Eu* aberto”, ou seja, um *Eu*, uma interioridade que toma ciência do que é somente enquanto é, isto é, enquanto seus atos, palavras e pensamentos são reconhecidos e indicado como relevantes pelos membros de sua sociedade, se aderindo mais ou menos intensamente, na memória coletiva, preservada pelo mito cantado e dançado pelo rapsodo.

Percebam que tal ressalva começa a proceder a um recorte dos âmbitos interpretativos que redimensiona as possibilidade textuais a um paradigma interpretativo da realidade e de sua Verdade que são drasticamente distinto do atual.

Como abordar e se apropriar de textos desse quilate, sem a devida preparação durante o processo formativo do futuro docente? Como lecionar adequadamente, transmitindo,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

discutindo e dimensionando os problemas e questões inerentes ao que se fala, sem saber sobre o que e em que medida se fala? É por essas razões que a História da Filosofia Antiga e Medieval, lamentavelmente é vítima de descaso na maioria das Instituições de Ensino!

Dando continuidade à análise do texto de referência enquanto exemplo, se observa em Provetti Jr. (2016, p. 66-69 e 75-76) sobre o que se entende especificamente no mundo grego Arcaico e Clássico por razão grego já de passagem para o mundo Romano:

Não mais no sentido crítico, como o *logos* helênico (IZIDRO-PEREIRA, 1993, p. 350), mas razão no sentido calculador, como se vê no conceito de razão utilizado hodiernamente, que tem sua base etimológica no termo latino *ratio* (FARIA, 1967, p. 843).

Em estudo a respeito do significado e usos dos termos *logos* e *ratio*, detecta-se que o primeiro se dá com os helênicos, criadores da razão, da filosofia e outros modos de expressão racional, no sentido acima enunciado quanto à maneira específica dos gregos se verem e se relacionarem com a *phýsis* e com o *kosmos*.

Por outro lado, o segundo sentido ocorre com os romanos, que após se apropriarem da razão helênica a seu modo, por meio de sua peculiar maneira de existência e caprichos históricos, por meio dos quais o Ocidente se consolidou como atualmente se percebe que a razão passou a ser uma função que “coisifica” o homem e a natureza.

Isso só se torna possível agora sob o viés de elementos distintos às categorias iniciais da criação do modo discursivo racional, pelos helênicos, com a proeminência e privilégio, por dignidade do uso da razão ao homem, enquanto



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

instrumento, atributo ou função exclusiva mediante a natureza, dado a incisiva influência judaico-cristã-muçulmana sobre o conceito de *ratio*.

Ora, para Popper (2002a, p. 7-33) a tradição racional que decorreu da criação da indução, enquanto instrumento lógico e, portanto, linguístico do homem, como um atributo de sua alma, de seu espírito, que o ajuda a ter bom senso, a desenvolver a habilidade de julgar as coisas e situações, segundo os princípios da "luz natural" e que afiança a possibilidade do homem, enquanto sujeito do conhecimento, gerar conhecimento por uma espécie de "enciclopédia conceitual", tem como objetivo quantificar e descrever os elementos da natureza com base na observação e na experiência.

Isso só é possível na medida em que a conexão do sujeito do conhecimento, em sua dignidade, o torna diferente e superior à totalidade natural, como ocorre na visão latina da razão filosófica mesclada à tradição da dignidade humana perante seu Criador (Jeová, Deus ou *Halah*), nas cosmologias provenientes das cosmogonias do judaísmo, do cristianismo e do islamismo.

Hoje, tais tradições, estão operantes e predominantes nas versões cosmológicas Ocidentais, mesmo as mais declaradamente materialistas, pois partem dos paradigmas temporais elementares às referidas tradições filosófico-religiosas.

Assinalar essa distinção entre os usos da razão helênica e romana-judaico-cristã-islamizado-cientificizada é um dos objetivos de Popper (2002a, p. 8), em se considerando que o filósofo afirma que a crença Ocidental na possibilidade da razão proporcionar um conhecimento sobre o mundo, a humanidade e sobre o próprio conhecimento não emerge de observações sobre "como sei que isto é uma laranja" ou "Como sei que um objeto que agora percebo é uma laranja?"



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Ela surge de questões propostas por homens que se enxergavam na razão diretamente proporcional do que seus feitos condizentes para com a arete estimulavam os seus pares e *rapsodos* a cantarem e dançarem o que fizeram, preservando-os de serem engolidos pelo Tempo (*Chronos*) e que se sentiam ligados intimamente a uma visão ampla e irrestritamente una, interativa, orgânica e indistinta com a *phýsis* e o *kosmos*; geradora "(...) de teorias audazes a cerca do mundo" (POPPER, 2002a, p. 8).

Segundo Popper, a ciência está profundamente comprometida nos níveis epistemológico e historiográfico quanto ao que denomina "mito baconiano" que atesta que a ciência é feita através de observações para que destas, lentamente se passe às teorias através do uso exclusivo do método indutivo.

O que é exatamente ao contrário, como se observa em Cornford (1989, p. 3-70 e 173-254), em Hipócrates de Cós *apud* Cairus & Ribeiro (2005, p. 43) em seu "Da natureza do homem", em Provetti Jr., (2011, p. 33-34) e Koyré (1991, p. 271-88), que afiançam que o homem antigo até meados da introdução do relógio mecânico, nos séculos XVI-XVII d. C. e a consequente matematização do tempo sugerida por Galileu, quando indica a matemática como a linguagem inerente à leitura do "livro da Natureza". O hábito do experimento controlado não se dava, pois partia-se do princípio da conceptibilidade apresentada à reflexão por Mondolfo (1970, p. 97-120), para a construção material dos projetos intentados, no que Koyré denomina "o mundo do mais ou menos".

No texto acima, se apresenta a discussão sobre os efeitos filosóficos e epistemológicos que o *logos* (razão) grega ao ser absorvida pela cultura Romana e,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

posteriormente, pelo judaísmo, o cristianismo e o islamismo.

Bem se observa que o modo discursivo racional, uma linguagem por excelência, que emergiu do modo discursivo mito-poético, ao ser introduzido em outros contextos (paradigmas) culturais, sofreu adequações, embora aos poucos fosse ganhando foro de cidadania, com aspectos próprios que o levariam a conflitar com o discurso e a lógica religiosas daquelas três grandes tradições religiosas.

O importante daquela citação, é assinalar que o *logos* enquanto discurso emerge do *mythos* grego é enquanto tal passa por modificações tempo-espaciais-culturais que constroem outras maneiras de se expressar e medir a verdade sobre a realidade, instaurando o nosso mundo tal qual se dá e, que este, necessariamente, é distinto, significativamente, diferente do mundo helênico Arcaico e Clássico!

É nessa perspectiva que Provetti Jr. (2016, p. 66-69 e 75-76) ressalta que:

Portanto, não havia uma preocupação efetiva por parte dos antigos e mesmo no período cristão moderno pré-mecanicista, de levar-se a efeito experimentações para se validarem teorias, como atesta Popper, de maneira dedutiva, racional e crítica, em nível linguístico e lógico, não empírico experimental.

Por exemplo, se fosse necessário a montagem de uma catapulta, concebia-se o projeto, mas não havia preocupação rigorosa quanto à execução da



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

obra, desde que funcionasse estava provada a veracidade da teoria funcional da máquina que fundamenta sua operação e finalidades.

Como alegado acima, Hipócrates de Cós, médico-filósofo foi o primeiro a criticar esse procedimento epistemológico que emergiu do exercício racional (*logos*) dos helênicos, pois a medicina antiga, profundamente influenciada pela razão pré-socrática, teve que elaborar uma nova epistemologia de base empírica para obter a finalidade de seu ofício, a saber: a cura dos doentes.

De certa maneira, essa nova epistemologia continuou sendo hipotético-indutiva, embora baseada na terapia aplicada aos enfermos, foi o primeiro campo racional helênico, em se tratando de filiação teórica, que propôs a indução e a experimentação, enquanto método para se consolidar um pensamento verdadeiro e demonstrável, anterior à tentativa de Aristóteles de elaborar a Lógica para se atingir a *episteme*.

Portanto, seguramente isento de sofismas, na Medicina deu-se pela primeira vez a necessidade da confrontação entre teoria e fenômeno no mundo, possibilitando a Aristóteles de Estagira, que era de família de médicos, conforme se vê em Pessanha, em seu "Vida e obra de Aristóteles" *in* (ARISTÓTELES, 1987, p. 10).

Logo, a construção da Lógica e do método indutivo para a estruturação de um conhecimento descritivo, com pretensões de veracidade demonstrável teve seu nascedouro na tradição médica, que possivelmente Aristóteles travou conhecimento através de seu pai, Nicômaco.

Portanto, para Popper (2002a, p. 7-33), nos inícios da filosofia e da ciência grega, a dedução era o procedimento padrão dos pensadores de então e, em alguns casos, as teorias provenientes dessa gnosiologia se caracterizam como admiráveis antecipações de resultados modernos da ciência, nada tendo a ver com a observação.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

O filósofo atesta não se esquecer que o mito baconiano de explicar a razão dos enunciados científicos serem verdadeiros se sustenta sob a afirmação de que a observação é o verdadeiro critério do conhecimento científico.

Mas tal crença só é possível a partir do momento em que Aristóteles fechou-se à compreensão tradicional helênica da verdade ser apenas certa conjectura e que mesmo que essas teorias tenham certo embasamento empírico ou observacional, não dão conta da totalidade de teorias aceitas na ciência contemporânea, tidas como de origem indutiva.

Diante do exposto, põe-se a questão: o que deseja Popper exatamente ao propor o retorno aos helênicos, em sua maneira ousada e original de filosofar, para o assumir de um novo proceder comportamental e metodológico, capaz de inovar os campos da Filosofia e da Ciência, abrindo novas possibilidades de realização no que se refere ao conhecimento que se possui hoje sobre o mundo, a humanidade e o saber que se tem sobre a capacidade de se conhecer algo deste mundo?

Ora, se o experimento empírico não era usual nos inícios da Filosofia, como afirmar que a Filosofia é a Ciência, em se considerando que apenas a partir da Medicina de Hipócrates de Cós é que inicia, por assim dizer, uma certa preocupação com o experimento empírico, decorrente da clínica médica?

Lembrando que a Lógica e a indução, sugeridos por Aristóteles, que era macedônio, embora houvesse vivido muitos anos em Atenas e como discípulo de Platão. Sua preocupação com o desenvolvimento de uma ferramenta que auxiliasse a distinguir a Verdade do verossímil, pleiteado



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

pelo movimento sofístico já não trata mais, necessariamente do *logos* enquanto “uma leitura” possível aos homens sobre a realidade. Já tem o firme propósito de compreender o *logos* linguisticamente como uma ferramenta discernidora entre a realidade e a aparência.

A indução, enquanto método é a empiria enquanto norteadora do procedimento filosófico, são uma intensa mudança no eixo das discussões que a maioria das escolas filosóficas do período Clássico tinham em mente.

Essa maneira com a qual Aristóteles interrompe a tradição racionalista crítica e revisionista impondo a lógica enquanto ferramenta necessária da razão, cingiu o vínculo existencial e frutuoso, tão bem explorado por Platão em seus diálogos, entre os modos discursivo mítico e racional.

É como se verifica em Provetti Jr. (2016, p. 66-69 e 75-76):

Como afirma Detienne (1998, p. 91-115), as palavras *mythos* e *logos* (mito e razão) eram sinônimas até meados do século V a. C., como também se pode verificar em idioma Grego, em Izidro-Pereira (1993, p. 380):

μυθος, ου, s. ,. // palavra, discurso// ação de recitar, de dizer um discurso// rumor// anúncio, mensagem// diálogo, conversaçã// conselho, ordem, prescriçã// resolução, projeto// lenda, conto fabuloso, mito// fábula, apólogo.

Λογος, ου, s. m. (λεγω) // palavra// dito// revelaçã divina, resposta dum oráculo//



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

máxima, sentença// exemplo// decisão, resolução// condição// promessas// pretexto// argumento// ordem// menção// notícia que corre// conversação// relato// matéria de estudo ou de conversação// razão, inteligência// senso comum// a razão de uma coisa// motivo// juízo, opinião// estima, valor que se dá a uma coisa// justificação// explicação// a razão divina [...] (1993, p. 350).

Ora, perceba-se que a ação do pensamento racional pré-socrático em nada se aproxima com a atual tentativa de distinguir-se o pensamento religioso, fabuloso, do senso comum, metafísico ou científico, mas até o século V a. C. utilizavam-se os helênicos das duas palavras, conforme a situação. Sem grandes distinções entre conhecimento verdadeiro e opinião.

Reforçando-se a tese de Popper que Tales e os demais membros da Escola não tinham a intenção de destruir os mitos explicativos cósmicos ou quaisquer outros, mas sabendo-se incapazes de atingir o conhecimento verdadeiro sobre a realidade do mundo, do *kosmos*, da *phýsis*, tecer *mythoi* ou *logoi*²⁹ era uma atividade indistinta, vinculando o futuro filósofo à tradição dos Mestres da Verdade helênicos, como se vê em Detienne (1998 e 1988) e em Cornford (1989, p. 99-206).

Por meio do estudo levado a efeito acima, se constata a tese que venho defender por meio desse artigo, qual seja: é uma tremenda, absurda e irresponsável decisão de instituições de ensino, sobretudo as de Ensino Superior no Brasil não estimularem nos currículae de seus cursos de graduação, na formação de professores de qualquer área, mas mais especificamente na de

29 “Mitos” e “razões”.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Filosofia, ter tempo, método e especialistas em Antiga e Medieval adequadamente treinados e ativos na pesquisa do campo para melhor munirem os novos docentes sobre os problemas e questões inerentes à História da Filosofia.

Fica aqui a minha crítica à questão!

Referências

PROVETTI JR., José . **As origens gregas do racionalismo popperiano: visão cosmológica da conexão entre Metafísica e Ciência da Antiguidade para a prática epistemológica contemporânea** . Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2016.

_____. **O dualismo em Platão** . Assis Chateaubriand: JPJ Editor, 2014.

_____. **A alma na Hélade: a origem as subjetividade Ocidental** . Umuarama: JPJ Editor, 2011.